

## A reinvenção da cultura sertaneja em “Grande Sertão: Veredas”: O Design como ferramenta de preservação da memória popular

*Isabella de Farias Sampaio<sup>1</sup>*  
*Ana Carolina Kalume Maranhão<sup>2</sup>*

**Resumo:** O estudo da memória e seu papel na preservação da cultura popular está relacionado aos campos do Design, da Comunicação e da Antropologia. O presente trabalho tem como objetivo analisar a obra Grande Sertão: Veredas, de João Guimarães Rosa, considerando-a como uma expressão da subjetividade do autor na representação da cultura sertaneja e na valorização da natureza. Para isso, investiga-se o uso de símbolos na construção de um universo subjetivo inspirado no cenário natural, estabelecendo conexões entre diferentes perspectivas para compreender a identidade, o imaginário popular e a cultura sertaneja presentes na narrativa.

**Palavras-chaves:** Memória, Design, Grande Sertão Veredas, Cultura.

**Abstract:** The study of memory and its role in preserving popular culture is linked to the fields of design, communication, and anthropology. This paper analyzes João Guimarães Rosa's work, "Grande Sertão: Veredas," as an expression of the author's subjectivity in representing rural culture and valuing nature. To this end, the paper investigates the use of symbols in constructing a subjective universe inspired by the natural scene, establishing connections between different perspectives to understand the identity, popular imagination, and rural culture present in the narrative.

**Keywords:** Memory, Design, Grande Sertão Veredas, Culture.

### Introdução

A literatura cria laços e universos para o leitor. Esse dom se revela em obras, que além de sua época, fixam-se na imaginação popular e passam a ser elementos fundamentais da cultura. O romance Grande Sertão: Veredas, de João Guimarães Rosa, desempenha um papel de destaque no imaginário popular brasileiro sobre a cultura sertaneja. Para Bolle, o sertão rosiano retrata um estado de espírito mais do que um local (1998, p.260), segundo o autor, a narrativa de Rosa, consolida o ambiente sertanejo no imaginário popular como um sentimento e personagem, transcendendo o espaço geográfico. Foi necessário um longo período de dedicação para o desenvolvimento do livro, os

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade de Brasília (PPG-Design - UnB). E-mail: bellafsampaio@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-2382-1532> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9951039166161438>

<sup>2</sup> Doutora em Comunicação pela Universidade de Brasília (FAC - UnB). Professora Associada da Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade de Brasília (PPG-Design - UnB). E-mail: ckalume@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5321-9191> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4947667819852437>

caminhos percorridos por Guimarães Rosa possibilitaram a construção de uma narrativa sólida e que, posteriormente, tornou-se crucial para a preservação da história e cultura sertaneja.

A narrativa no romance de Rosa é construída com base na memória. O livro apresenta um tempo não linear e, a partir da introdução dos personagens na história, gera conexão com a jornada dos jagunços, narrada por Riobaldo e construída em paralelo aos elementos da natureza. O ambiente em que os personagens se encontram determina a forma como lidam com o mundo, retratando diferentes estados do Brasil - Bahia, Goiás e Minas Gerais -, mas independente das delimitações do espaço, os obstáculos enfrentados pelos personagens estendem-se a nível global com o sertão-mundo de Rosa. A travessia, não somente física, é elemento principal na constituição da identidade de Riobaldo e o sertão-mundo é parte intrínseca do narrador-personagem, assim, Riobaldo torna-se a representação do próprio sertão e o sertão vira metáfora para a vida.

Essa complexa aproximação entre homem e natureza, arquitetada por Rosa, é uma forma de explicar a relação construída entre os personagens ao longo da narrativa, além de apontar a percepção do mundo dos personagens através do conhecido (a natureza). O espaço imaginado é resultado da transfiguração da paisagem pela imaginação do personagem, o espaço real é vivido, mas guardado, processado e trazido à superfície pela memória de Riobaldo. Assim, o espaço narrado pode se constituir a partir do mito, mesmo baseado na representação geográfica, atrelando significado através da experiência relatada pelo personagem (Almeida, 2014, p.132).

A história, contada de forma não linear, é projetada para conduzir o leitor por um percurso estabelecido enquanto se depara com o sertão, espaço físico, sendo atravessado por diversos conflitos entre os jagunços. É construído, em paralelo, a representação figurativa dos conflitos internos dos personagens e a forma como interpretam subjetivamente o sertão. A fragmentação da natureza torna-se método descritivo, numa busca de Riobaldo por entendimento próprio e o leitor participa dessa travessia em tempo real ao lado do narrador.

A travessia do protagonista não é apenas geográfica, mas também identitária, demonstrando como a cultura sertaneja, assim como a percepção de si mesmo, não é estática, mas mutável e aberta a novas interpretações. O sertão narrado por Riobaldo não se mantém idêntico ao longo do tempo narrativo, ele modifica-se, de acordo com a memória do protagonista que o constrói e reconstrói, conforme a interpretação dos leitores, evidenciando o caráter mutável da cultura no decorrer do tempo. Ainda que o romance apresente uma narrativa poética sobre o espaço descrito e criado pela memória do narrador-personagem, a obra é um exemplo da complexidade do processo de design na materialização da subjetividade pelo autor. Guimarães Rosa dedicou anos de pesquisa e escrita, realizou excursões pelo sertão e documentou os conhecimentos adquiridos ao longo desse curso, todo esse processo contribuiu para a construção de uma obra de grande valor material, mas também imaterial para a memória sertaneja.

Assim, o presente trabalho tem como objetivo analisar a influência da obra de Guimarães Rosa na percepção e preservação da cultura sertaneja. Traçando relações entre o campo do Design, as representações da memória e a relação

do homem com o ambiente que habita, em especial a natureza, como ponto de partida para o processo de travessia da humanidade.

### **Procedimentos Metodológicos**

Esta pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, realizada em duas etapas: a) revisão bibliográfica, e b) revisão documental; com o objetivo de explorar a construção da figura do sertanejo nos escritos de João Guimarães Rosa. O processo envolveu a análise da obra “Grande Sertão: Veredas”, bem como de vestígios biográficos e narrativos que evidenciam a influência do autor ao longo do tempo, destacando a relevância desses elementos para a representação cultural do sertão brasileiro.

Realizou-se uma busca abrangente em fontes primárias, com foco nos textos de Rosa, e secundárias, incluindo biografias, críticas literárias e documentos históricos. Essa revisão focou em identificar traços narrativos que moldam a imagem do sertanejo, considerando o contexto cultural e temporal do autor. Os artefatos narrativos analisados incluíram memórias e pegadas deixadas por Rosa, interpretadas como contribuições para a compreensão da identidade sertaneja contemporânea no Brasil.

Para aprofundar a identificação de personagens, cenários e elementos culturais, utilizou-se a representação imagética proposta por Galvão (1972) na análise da obra rosiana, adaptada ao contexto sertanejo brasileiro. Essa abordagem foi complementada por referências teóricas de Joly (1986) e Barthes (1990), que fornecem ferramentas para a análise semiótica e interpretativa de imagens, permitindo uma leitura crítica das narrativas literárias associadas à cultura sertaneja representada em documentos de organizações e entidades oficiais, como o Plano de Manejo do Parque Nacional Grande Sertão Veredas. A integração desses métodos possibilitou uma interpretação interdisciplinar, combinando literatura, semiótica e estudos culturais.

### **A construção da identidade no sertão rosiano**

A construção do imaginário sertanejo na obra Grande Sertão: Veredas é baseada em um processo relacional de afeto entre as pessoas. As relações entre os personagens, seja através dos conflitos, reviravoltas, amores e desamores são apresentadas como extensão da própria natureza, através dos símbolos, a narrativa procura aproximar a natureza humana da constituição da biodiversidade do sertão.

Assim como o homem influencia o ambiente em que vive, ele é influenciado pela percepção do espaço que habita. Nessa representação, diferentes símbolos da natureza física, citados por Riobaldo, são utilizados como forma de expressar a abstração dos sentimentos do próprio personagem, caracterizando a identidade territorial e cultural do narrador. Para Galvão (1972, p.128), as representações imagéticas carregam ambiguidade objetiva e subjetiva na narrativa, tudo que é narrado carrega em si outro significado, sendo imagens ou representações subjetivas, daquilo que é descrito por Rosa como elementos naturais ou objetos inanimados.

A obra de Rosa expõe a complexidade das relações entre o sertanejo e o sertão, na busca por uma construção identitária individual que depende diretamente da percepção espacial do narrador-personagem, sem se desvencilhar do todo ou do sertão-mundo. Assim, compreende-se no caminho percorrido pelos personagens, durante a travessia proposta, a influência do meio ambiente como molde para a identidade do indivíduo. Além de apontar como o indivíduo transforma o espaço em que está inserido como sujeito social, que interage com o ambiente - sertão -, evidenciando o grau de afetividade do homem para com o espaço na formação identitária. (Almeida, 2014, p.127).

Para Joly (1986), uma etapa essencial para a análise da imagem é a descrição que traduz a percepção visual em linguagem verbal. Esse procedimento é relevante para evidenciar as escolhas perceptivas e de reconhecimento essenciais para a interpretação de uma imagem, que também passa por experiências culturais. Fator intrínseco à obra de Rosa, a medida em que a construção do ambiente rosiano concretiza-se como um sistema vivo, possuidor de estrutura e identidade própria.

Para Maturana, os sistemas autopoieticos possuem dinâmica interna particular definida pela forma como interagem com o meio, sendo transformadas, mas mantendo seu caráter único como ser vivo (2001, p.174). O sertão rosiano é vivo, além das interações que apresenta com os humanos na obra, o sertão possui vida, vontade própria e é tomado por forças sobrenaturais, que segundo o narrador vivem em todos os seres animados e inanimados do lugar (Galvão, 1972, p.129) e, que assim, responde aos estímulos e interações, mas apesar das mudanças mantém o seu caráter estrutural, como sertão-mundo.

O sertão caracterizado como um ser autopoietico, composto por sistemas complexos que apresentam identidade própria, subentende a existência de uma rede interrelacionada que modifica e é modificada pelo ambiente externo (Maturana, 2001). O sertão se perpetua como objeto além do tempo, que acaba implícito nas percepções espaciais, criando uma noção de tempo subjetivo e objetivo na narrativa (Almeida, 2014, p.133). E, apesar de existirem marcações de tempo como dia e noite, não existe um recorte temporal na história, o passado, presente e futuro se confundem na narração de Riobaldo, que demarca o tempo subjetivo a partir de suas emoções e aspectos psicológicos. Dessa forma, o sertão é ampliado para o leitor e torna-se eterno.

O tempo é consolidado a partir da memória de Riobaldo na narrativa, apesar de sua inexatidão e falta de linearidade, a construção temporal é subjetiva e baseada nas memórias do personagem. Dessa forma, leva a construção de um mundo novo para o leitor com base na subjetividade do narrador - subjetividade que ganha corpo como representação individual do conhecimento lógico e empírico dos acontecimentos vividos pelo personagem. Assim, memória, tempo e identidade dialogam na construção dos indivíduos a partir do ideal coletivo (Soares, 2013, p.48-49). Pode-se observar essa relação na busca de Riobaldo em encontrar seu lugar como sujeito - não se reconhecendo como jagunço, apenas como sertanejo - mas o narrador em todos os momentos é resultado do meio em que se insere, desde as incertezas causadas pelos extremos vividos na região até as peculiaridades geológicas utilizadas como analogia dos sentimentos do personagem.

Além disso, as relações intrínsecas entre homem e natureza na obra de Rosa ganham nova perspectiva a partir da visão ecocrítica do romance. Esse campo de análise literária, citado pela primeira vez em 1978, por William Rueckert, é a área que estuda a aplicação dos conceitos de ecologia na literatura, como matéria multidisciplinar, expandindo os estudos para analisar as relações entre homem e natureza em todas as áreas de conhecimento. Para Almeida, a ecocrítica possibilita observar as relações entre homem e natureza na obra de Rosa, permitindo a interpretação do ser humano como extensão da natureza em que se insere, analisando de forma mais profunda a relação dos sertanejos com o sertão. Busca-se olhar para a natureza como ponto de partida no entendimento das relações humanas, promovendo, assim, uma maneira de pensar e repensar as relações do homem com o ambiente (2014, p.25).

Apesar do amplo âmbito de investigação e dos níveis díspares de sofisticação, toda a crítica ecológica sustenta a premissa fundamental de que a cultura humana está ligada ao mundo físico, afetando-o e sendo por ele afetada. A ecocrítica tem como tema as interconexões entre natureza e cultura, especificamente os artefatos culturais da linguagem e da literatura. Como postura crítica, tem um pé na literatura e outro na terra; como discurso teórico, negocia entre o humano e o não-humano. (Glotfelty, 1996, p.18) (Tradução nossa)

Observar Grande sertão: Veredas pela ótica do ecocriticismo, permite apontar novos caminhos para o entendimento da simbologia na obra e sua consolidação como material de estudo no entendimento do imaginário popular sobre o sertão brasileiro. A ecologia presente na obra é parte simbólica da construção abstrata das emoções dos personagens, a partir da organização de conjuntos de objetos narrados pode-se entender um padrão criado por Rosa no processo de descrição emocional de seus personagens. Segundo Galvão, é a partir dessa analogia criada pelo autor que se entende a sensibilidade em cada personagem, assim como, sua relação com narrador-personagem: “o padrão é um operador que veicula, mostrando e sugerindo “sensivelmente”, essa analogia e esse panteísmo.” (1972, p.128).

Buscando aprofundar a análise acerca da natureza como representante dos sentimentos dos personagens no romance, torna-se necessário entender a criação de uma linguagem específica, a partir dos símbolos do sertão que se estendem ao longo da narrativa. De forma geral, a obra apresenta duas forças opostas, representadas pelas figuras de Deus e do Diabo, a história segue de acordo com essa dicotomia, que se apresenta através dos seres animados e inanimados. Para analisar os signos escolhidos como forma de representação objetiva do mundo subjetivo utiliza-se a semiótica, ciência que busca investigar as diferentes linguagens, examinando os modos de constituição do todo a partir do fenômeno de produção de significação e sentidos. Dessa maneira,

(...) a significação da imagem é, certamente, intencional: são certos atributos do produto que formam a priori os significados da mensagem publicitária, e estes significados devem ser transmitidos tão claramente quanto possível; se a imagem contém signos, teremos certeza que, em publicidade, esses signos são plenos, formados com vistas a uma melhor leitura: a mensagem publicitária é franca, ou pelo menos enfática (Barthes, 1990, p. 28).



Assim, os fatos narrados por Riobaldo são interpretações objetivas da sua consciência subjetiva. Na semiótica cultural, entende-se a construção de signos a partir da ideia de coletivo, de uma sociedade ou um grupo de pessoas (Guerra, 2019), dessa forma pode-se inferir que as relações criadas pelo narrador são resultado das influências do meio sobre sua forma de perceber o mundo. Surge, portanto, um dialeto próprio do personagem, que flui a partir de sua consciência que interpreta o mundo natural, objetivo, e o mundo emocional, subjetivo, como um só, não existindo a diferenciação entre homem e natureza. As interferências que ocorrem modificando a forma com que Riobaldo lida com os acontecimentos são tanto internas, quanto externas. Os acontecimentos direcionam a maneira como os símbolos, a partir da construção de analogias com a natureza, são representados na obra, nenhum elemento é apresentado sem possuir significado adjunto na narrativa.

As forças objetivas e subjetivas que determinam os caminhos, escolhas e decisões do personagem ocorrem no nível de percepção nas relações interpessoais - como a luta do protagonista em renegar seu amor proibido por Diadorim -, assim como nas relações sociais da jagunçagem, com os diferentes grupos pelos quais Riobaldo passa ao longo da história, moldando os valores sociais do personagem. Essas interações não apenas refletem os conflitos internos do protagonista, mas também evidenciam as dinâmicas de poder e pertencimento dentro do universo sertanejo. A complexidade dessas relações faz com que Riobaldo questione constantemente seu papel e suas crenças, oscilando entre a lealdade aos jagunços e sua própria busca por sentido.

Portanto, o existir do personagem é traduzido pela maneira como as experiências são somatizadas, tanto no corpo, quanto na essência do indivíduo e, assim, desenvolvidas na narrativa. Riobaldo é o resultado das interações entre natureza e cultura sertaneja (Bolle, 1998, p.265). Além de considerar a paisagem cultural como simples cenário dos acontecimentos, deve ser entendida como entidade complexa e em evolução que é continuamente moldada pelas estruturas sociais que a habitam - sertanejos, jagunços, cangaceiros -, ao mesmo tempo que exerce influência sobre essas mesmas estruturas. Promove, assim, uma relação dinâmica e interativa entre as duas, destacando a relação intrínseca entre os indivíduos e o ambiente que habitam, transcendendo o espaço como forma física.

### **Design como ferramenta de (re)construção**

A cultura como objeto de estudo da antropologia destacada por Roy Wagner, em *A invenção da cultura*, mostra a importância da observação em terceira pessoa, sendo a forma de compreender o outro como ser inserido em um contexto social. Essa etapa de observação e análise foi desenvolvida por Guimarães Rosa durante a construção de *Grande Sertão: Veredas*. Cenários reais e personagens inspirados nas pessoas que o escritor conheceu durante sua jornada pelo sertão.

No romance de Rosa, a relação simbiótica entre o protagonista e o sertão evidencia como a identidade de Riobaldo é influenciada pelo ambiente sertanejo e, ao mesmo tempo, como ele próprio ressignifica esse espaço a partir de suas percepções e dilemas. Por essa ótica, Santaella aponta que: “O homem só

conhece o mundo porque, de alguma forma, o representa e só interpreta essa representação numa outra representação.” (1983, p.51-52). Assim, o sertão, transcende sua materialidade e se torna uma metáfora para as incertezas, contradições e conflitos humanos interpretados através da perspectiva de Riobaldo e do sistema de símbolos criado pelo autor em toda a construção da narrativa.

O processo de travessia vivido pelo personagem, suas interpretações, assim como as memórias narradas de acordo com sua percepção, sem interrupções, dão espaço para a reinvenção de uma cultura sertaneja com base nas lembranças de Riobaldo. Para Wagner, “toda expressão dotada de significado, e, portanto, toda experiência e todo entendimento é uma espécie de invenção” (2020, p.69). Essa relação iterativa entre homem, identidade e cultura é um dos principais aspectos analisados na compreensão da cultura como um processo contínuo de construção e ressignificação. No caso de Riobaldo, sua jornada não apenas evidencia as transformações de sua própria subjetividade, mas também reflete a fluidez da cultura sertaneja, que se configura conforme as novas narrativas e significados são criados por todos que habitam o sertão-mundo.

A partir da perspectiva de Wagner, a cultura sertaneja apresentada na obra de Rosa, passa a ser entendida como um processo dinâmico de recriação constante. Riobaldo, ao narrar suas memórias, participa ativamente dessa invenção da cultura, proposta pelo autor, reinterpretando os acontecimentos e ressignificando as experiências que moldaram sua identidade.

O sertão que ele descreve não é apenas um reflexo do mundo externo, mas também um espaço subjetivo, permeado por afetos, crenças e dilemas que se entrelaçam em seu discurso. Dessa maneira, Riobaldo torna-se peça-chave para a invenção cultural sertaneja no romance, através de seu processo de adaptação e transformação ao longo da travessia.

Essa dinâmica de reinvenção cultural se evidencia especialmente na relação de Riobaldo com os jagunços e na maneira como ele transita entre diferentes grupos e valores ao longo da narrativa. Ao mesmo tempo em que ele vivencia as regras da jagunçagem, ele também as questiona e, por meio de suas reflexões, recria sua própria moralidade dentro desse contexto, tomando um rumo de transformação (Galvão, 1972, p.67).

O conceito de tradição se torna, então, um campo de disputa simbólica, onde diferentes interpretações coexistem e se transformam. Para Almeida, “Ao mostrar a natureza externa, o narrador faz sempre o paralelo entre ela e a natureza humana e observa que esta é vulnerável à criação das coisas, pessoas e mitos, nos quais passa a acreditar.” (2014, p.173).

Assim, a obra expõe a própria natureza da cultura como um processo de invenção. O sertão narrado por Riobaldo não se mantém idêntico ao longo do tempo; ele se modifica conforme a memória do protagonista o reconstrói e conforme os leitores o interpretam.

Toda expressão dotada de significado e, portanto, toda experiência e todo entendimento, é uma espécie de invenção, e a invenção requer uma base de comunicação em convenções compartilhadas para que faça sentido - isto é, para que possamos referir a outros, e ao mundo de significado que compartilhamos

com eles, o que fazemos, dizemos e sentimos. Expressão e comunicação são interdependentes: nenhuma é possível sem a outra.

Entender que as culturas passaram por um estado de invenção em que seus símbolos foram sendo criados, conforme o convívio em uma sociedade, é entender que grande parte desse desenvolvimento foi necessariamente um processo da comunicação e, principalmente, do Design de Informação. Ocorrendo através da influência direta da vontade e do pensamento humano, mas tendo como única maneira de disseminação a comunicação efetiva que se mostrou um fator inerente à invenção de toda e qualquer cultura.

A comunicação ocupa seu papel primordial na disseminação de ideias, mas também toma seu lugar como criadora dos símbolos culturais que adquirem significado ainda maior no imaginário popular. Segundo o sociólogo, Stuart Hall, a percepção identitária ocorre não apenas das vivências pessoais de cada indivíduo, mas também, através da observação de referências exteriores, como uma forma de construção social e cultural:

O que denominamos “nossas identidades” poderia provavelmente ser melhor conceituado como as sedimentações através do tempo daquelas diferentes identificações ou posições que adotamos e procuramos “viver”, como se viessem de dentro, mas que, sem dúvida, são ocasionadas por um conjunto especial de circunstâncias, sentimentos, histórias e experiências única e peculiarmente nossas, como sujeitos individuais. Nossas identidades são, em resumo, formadas culturalmente (Hall, 2000).

Comunicação e cultura estão associadas de tal maneira que a existência de uma subentende a necessidade da outra, não existe cultura sem comunicação e não pode haver comunicação sem o entendimento coletivo dos símbolos criados e disseminados por uma cultura. O Design de Informação desempenha um papel crucial nesse processo de invenção da cultura, sendo o ponto de partida para a criação e disseminação desses símbolos, compondo o tripé da concepção e percepção individual, juntamente com a comunicação e a antropologia.

### **Entre memória e natureza**

O impacto do livro repercute em ações de conservação do espaço e da cultura sertaneja, através dos símbolos apresentados por Guimarães Rosa. Ao evidenciar as relações entre o homem e a natureza na constituição identitária, a obra reuniu uma legião de fãs ao redor do mundo e moveu esforços para preservar o cenário do romance. Assim, nasceu o Parque Nacional Grande Sertão Veredas, criado em 12 de abril de 1989, a unidade de conservação surgiu após anos de luta de pesquisadores da região como uma forma de preservar a natureza local, ameaçada pela situação fundiária irregular, avanço do agronegócio, construção de estradas intermunicipais, entre outros fatores (IBAMA, 2003, p.12).

A nomeação do parque nacional é uma homenagem à obra de Rosa, que visitou a região em uma excursão na década de 1950 e retratou suas paisagens e comunidades no romance Grande Sertão: Veredas. Em 1986, quando começaram as discussões sobre a criação do parque, não havia nenhuma



unidade de conservação que protegesse os ecossistemas descritos por Rosa na região dos sertões - interior do país -, a área em questão abrangia cerca de 13 milhões de hectares na margem esquerda do rio São Francisco, estendendo-se por Minas Gerais, Bahia e Piauí sem nenhuma medida de proteção e conservação dos ecossistemas.

A proteção da biodiversidade no sertão depende do planejamento para preservação das regiões que abrangem o parque e seu entorno. A unidade de conservação atua especialmente na proteção do Cerrado, o bioma que é classificado como um dos 25 hotspots globais, destaca-se por sua enorme biodiversidade e pela intensa pressão antrópica que enfrenta. A exploração econômica do Cerrado tem se intensificado nas últimas décadas, especialmente com a expansão do agronegócio, dividindo os limites do parque e ameaçando a qualidade da água e do solo. Diante desse cenário, a implementação de estratégias eficazes de conservação torna-se fundamental para evitar a degradação irreversível do ecossistema, afetando espécies da fauna e da flora que correm risco de extinção e são protegidas pela limitação de uso das terras.

A existência de comunidades que habitam o Parque há tantos anos e seguem aguardando as medidas do Estado para desapropriação de suas terras, levanta o debate sobre o uso adequado da natureza em uma unidade de preservação integral, que deveria limitar o acesso à área para a conservação da biodiversidade. No que tange a preservação desse sistema e das comunidades locais, anos de pesquisa e monitoramento apontaram a importância do parque para a manutenção de espécies ameaçadas de extinção e que são vistas dentro da unidade de conservação, como o Lobo-guará, o Tamanduá-bandeira e a Onça-pintada, segundo dados divulgados pelo ICMBIO.

As comunidades que habitam as zonas de influência do Parque possuem uma forte identidade cultural e uma relação especial com a natureza. A gastronomia local - presente em trechos do romance de Guimarães Rosa -, destaca-se pelo uso de ingredientes da vegetação nativa do cerrado, como arroz com pequi, galinhada, tapioca e paçoca (carne seca com farinha), muitos pratos originados ainda na época que os jagunços atravessavam a região. A arquitetura tradicional reflete essa herança cultural, com casas construídas em adobe, chão de terra batida e telhados de palha de buriti. Outro indicativo da profunda conexão das comunidades com o cerrado é o uso de plantas medicinais, empregadas em chás, banhos e xaropes (IBAMA, 2003, p.62).

A realidade do parque é delicada, apesar de ter sido expandido em 2004, a unidade de conservação não apresenta um Plano de Manejo para a maior parte das áreas protegidas, são mais de 140.000 hectares, que sofrem com a falta de planejamento. O parque ainda conta com comunidades vivendo dentro das terras protegidas, em decorrência da não conclusão do processo de regularização fundiária que se estende a três décadas.

Além da necessidade de atuação específica para acolhimento das comunidades locais - realizado por ONGs -, o Ministério Público Federal pressiona o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade para a regularização da situação do parque, em especial, com a criação de um plano de manejo atualizado. É preciso lutar para uma gestão eficaz das unidades de preservação, além da simples criação dos espaços de conservação, eles

precisam de planejamento que garanta a preservação da natureza, dos saberes, da memória e da identidade de comunidades tradicionais.

### Considerações Finais

O romance Grande Sertão: Veredas é um patrimônio da cultura brasileira. Além da literatura, a obra dialoga com diversos campos de estudo, transportando o leitor para a grande travessia da vida junto com Riobaldo, em sua jornada de transformação do mundo. A fantasia torna-se realidade nesse universo, a história narrada cria uma percepção de mundo também no leitor e, por isso, o impacto da obra é tão grande a ponto de levar a criação de um Parque Nacional para preservação do cenário, da memória e da travessia dos jagunços.

O livro de Rosa consolida o sertão como um espaço geográfico e construção simbólica. Um sertão-mundo permeado pela subjetividade do narrador e pela memória. Ao longo da narrativa, a fragmentação da paisagem reflete os conflitos internos de Riobaldo, demonstrando que a travessia do protagonista transcende o físico, tornando-se um processo de autoconhecimento e ressignificação de sua identidade.

Nesse sentido, a obra desempenha um papel essencial na preservação e reinvenção da cultura sertaneja. Ao apresentar o sertão como um estado de espírito, Rosa permite que a memória individual e coletiva se entrelace, conferindo ao romance um caráter atemporal e mutável, assim como a própria cultura que representa. A narrativa poética e a construção detalhada do espaço pela memória do protagonista evidenciam a materialização da cultura na linguagem e no imaginário popular.

Assim, a análise da obra sob a ótica da memória, da relação entre homem, ambiente e do design permite compreender como Grande Sertão: Veredas ultrapassa os limites da literatura e é elemento fundamental na construção da identidade. Atravessar o sertão de Riobaldo é uma travessia em busca de significado, onde a literatura transforma e preserva mundos, sejam eles reais ou imaginados. Guimarães Rosa lembra ao leitor que a primeira percepção do mundo nasce da relação com a natureza e que, sem ela, talvez a própria existência humana esteja em risco.

### Referências

ALMEIDA, Maria. **Interfaces da natureza em Grande Sertão: Veredas** – um olhar ecocrítico. 2014. Tese (Doutorado em Literatura) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARTHES, Roland. A retórica da imagem. In: **O óbvio e o obtuso**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BOLLE, Willi. **O sertão como forma de pensamento**. Scripta, Belo Horizonte, 1998.

BOLLE, Willi. **Grandesertão.br: o romance de formação do Brasil**. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2004.

GALVÃO, Walnice Nogueira. **As formas do falso**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

GLOTFELTY, Cheryll; FROMM, Harold (Ed.). **The ecocriticism reader: landmarks in literary ecology**. British Library, 1996. Disponível em: [https://www.graduateschools.uni-wuerzburg.de/fileadmin/43030300/Heise-Materialien/Glotfelty\\_ecocriticism\\_intro.pdf](https://www.graduateschools.uni-wuerzburg.de/fileadmin/43030300/Heise-Materialien/Glotfelty_ecocriticism_intro.pdf). Acesso em: 23 mar. 2025.

GUERRA, Antônio. **Semiótica**. Londrina: Educacional S.A., 2019.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS. **Plano de manejo do Parque Nacional Grande Sertão Veredas**. Brasília: IBAMA, 2003. Disponível em: [https://www.gov.br/icmbio/pt-br/assuntos/biodiversidade/unidade-de-conservacao/unidades-de-biomas/cerrado/lista-de-ucs/parna-grande-sertao-veredas/arquivos/parna\\_grande\\_sertao\\_veredasplanodemanejo.pdf](https://www.gov.br/icmbio/pt-br/assuntos/biodiversidade/unidade-de-conservacao/unidades-de-biomas/cerrado/lista-de-ucs/parna-grande-sertao-veredas/arquivos/parna_grande_sertao_veredasplanodemanejo.pdf). Acesso em: 23 mar. 2025.

INSTITUTO BRASÍLIA AMBIENTAL. **Plano de manejo**. Brasília: Governo do Distrito Federal, 2025. Disponível em: <https://www.ibram.df.gov.br/plano-de-manejo>. Acesso em: 23 mar. 2025.

JOLY, Martine. **Introdução a uma análise da imagem**. 2. ed. Campinas: Papirus, 1986.

MATURANA, Humberto R.; MAGRO, C.; PAREDES, V. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte: Ed. Universidade Federal de Minas Gerais, 2001.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. Organização de José Luiz Braga e Ivan Domingues. São Paulo: Perspectiva, 1999.

ROSA, João. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994. Disponível em: [https://www.ileel.ufu.br/lexicoSertanista/arquivos/43b0ce78-34a9-461d-b8c5-55ee0b0e5528\\_Grande%20Sert%C3%A3o%20Veredas.pdf](https://www.ileel.ufu.br/lexicoSertanista/arquivos/43b0ce78-34a9-461d-b8c5-55ee0b0e5528_Grande%20Sert%C3%A3o%20Veredas.pdf). Acesso em: 5 mai. 2025.

SOARES, Aline. **O mundo memorável em Grande Sertão: Veredas, de Guimarães Rosa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2013.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.